

EM VÉSPERAS DE ELEIÇÕES, O GOVERNO NÃO MOSTRA MEDO ...E DIZ AS VERDADES



António Barreto:

«O que se fez foi a colonização do Alentejo pelo PCP»



(pág. 6)

13

Figuras & Figurões



Conhece Moscovo, Roma,
Lusaka, Estocolmo, Tunes...
É major ou é Agência
De viagens Melo A

13

s?



Os bombistas não desarmam

QUEM está interessado em criar a desestabilização, a insegurança, o pavor?

Quem ganha com a implantação de sabotagens, do terrorismo, do desassossego?

Quem pode tirar partido do estado de espírito de um Povo que, em vésperas de eleições, começa a dar mostras de inquietação e de intranquilidade?

Quem desrespeita permanentemente os interesses dos que trabalham — dos autênticos —, dos que labutam, dos que pretendem justiça, igualdade e paz? Quem coloca bombas nas linhas de Sintra e do Estoril e na conduta de abastecimento de água a Lisboa?

A resposta só pode residir num dos extremos ou nos dois simultaneamente. Porque quem está verdadeiramente empenhado em reconstruir Portugal, em consolidar a Democracia, em caminhar no sentido do progresso e da Liberdade, não é bombista, não é sabotador, não comete crimes contra a Nação e contra todo o Povo português.

Compete-nos, pois, a todos

nós, os verdadeiros democratas, não permitir que se contínui a espalhar o terror. Dentro do que estiver ao nosso alcance não deixaremos de denunciar actos que põem em equação as intenções puras do 25 de Abril e o reforço que lhe foi prestado em 25 de Novembro.

Em período de clima eleitoral, há quem, nitidamente, pretenda desmobilizar as massas votantes, sem dúvida aquelas que não estejam envolvidas pelo espírito de militância partidária e que, por isso, serão as mais facilmente afastadas da ida às urnas. É forçoso que, no próximo dia 12, todos cumpram o seu dever. Que encarem as eleições para as autarquias com igual importância como aconteceu com as anteriores.

Se tal não suceder, se a população mostrar desinteresse em expressar a sua vontade, de uma coisa pode ficar certa: os outros, aqueles que não se conformam em ser a minoria e que usam todas as armas para atingir o Poder, esses lá estarão junto das urnas.

«Linha directa»

Mário Soares respondeu ao que lhe perguntaram

(pág. 12)

Autarquias locais

Candidatos às eleições pronunciam-se

(pág. 13)

CERTINA

Certina-DS o relógio mais forte do mundo

porquê?
para si qual será
a melhor explicação?
— a nossa, ou a do técnico
da sua confiança?
faça-lhe a pergunta,
ele lhe revelará o **porquê!**



espectáculos

Paulo de Carvalho:

«Gostava de participar numa festa de apoio a Otelo»

PAULO de Carvalho foi um dos «Sheiks», juntamente com Carlos Mendes e Fernando Tordo. Voltou ao convívio do público através do Festival TV da Canção, com uma canção intitulada «Corre Nina». Desde então, assinou presença anual neste certame, conquistando o direito de representar o nosso País no Grande Prémio da Eurovisão com «Flor sem Tempo» e, mais tarde, interpretando «E Depois do Adeus».

Após o 25 de Abril, foi o autor do «Hino do PPD», falando-se mesmo na sua militância no Partido liderado por Sá Carneiro. Surpreendentemente, Paulo de Carvalho fez uma viragem política quase total, uma vez que participou na ainda recente «Festa do Avante».

Como teria sido possível uma tal evolução na linha política do cantor? É que também nos recordávamos do tempo-pré 25 de Abril, em que ele foi um dos principais colaboradores num programa da RTP, produzido por Ema Preto Pacheco, logo saneada nos primeiros dias de Maio de 74...

Decidimos ouvi-lo. Dar a Paulo de Carvalho uma oportunidade de esclarecer o público das suas recentes tomadas de posição. Até por que, escutando as suas últimas composições, não se verificaram diferenças nítidas, no campo das letras, em relação àquilo que o artista produzia em 1973...

A vertiginosa «cavalgada» das ideias...

«O PAÍS» — As suas ideias políticas têm tido, nos últimos tempos, uma «cavalgada» vertiginosa. Você, antes de Abril 74, era uma das atracções dum programa de Ema Preto Pacheco. Depois, foi o autor do «Hino do PPD», tendo, recentemente, participado na «Festa do Avante». Como se poderão explicar tão bruscos «saltos»?

Paulo de Carvalho — Antes do mais, gostaria de agradecer ao vosso Jornal a oportunidade que me concede de poder explicar alguns mal-entendidos que têm surgido à volta da minha pessoa, desfazendo a imagem que as conclusões precipitadas das pessoas provocaram.

Pois participei no citado programa da RTP, uma vez que julguei as ideias iniciais como bastante boas e susceptíveis de produzir em um programa de qualidade. Nada tive a ver com a montagem. Daí, a minha nula quota-parte para a falta de clareza que o programa passou a possuir.

No que respeita ao «Hino do PPD», acontece que a grande maioria das pessoas das minhas relações, algumas das quais permaneceram minhas amigas, peitenciam ao Partido em questão. Poder-se-ia dizer que me encontrava próximo dos ideais social-democratas, pelo que aceitei o convite que me foi dirigido por importantes dirigentes do Partido, no sentido de compor o «Hino».

— Porquê uma inclinação pela ideologia social-democrata?

P.C. — Atendendo a que as principais figuras do PPD foram membros da ala liberal na antiga Assembleia Nacional, como

é o caso de Pinto Balsemão e Sá Carneiro, julguei que era este o «meu» Partido. Fiz esta opção, norteado por deficientes conhecimentos daquilo que os programas dos restantes agrupamentos consignavam.

Pouco tempo depois, achei que o PPD não correspondia aos meus anseios e separei-me. Quero deixar bem vincado que o próprio «Hino» é, quanto a mim, um texto de esquerda.

— Não leu os programas dos outros Partidos, logo após o 25 de Abril? Se o tivesse feito, talvez a escolha fosse outra...

P.C. — Bem vê, notava-se nessa altura da nossa Revolução uma certa nebulosidade política. Com tantas coisas a que não estava habituado, o Povo não podia dispor de dados suficientes para optar, em consciência, por esquerda ou por direita.

— Mas você, afinal, é de esquerda ou de direita?

P.C. — Considero-me de esquerda, mas não estou filiado em nenhum Partido, porque não vejo interesse especial. Contudo, tomei parte na «Festa do Avante», uma vez que não sou anti-comunista. Existem mesmo aspectos em que concordo com a política do PCP, havendo, porém, pontos em que discordo...

— Concretize um pouco melhor...

P.C. — Olhe, por exemplo, quero ter possibilidades de criticar aquilo que o mereça ser...

Contudo, preconizo e estou grandemente interessado numa unidade de esquerda, pelo que me aproximo do Partido Comunista...

Ainda acerca da minha participação na «Festa do Avante», toda a gente sabe que os intervenientes na festa do órgão oficial do Partido Comunista Francês, «L'Humanité», podem não estar filiados no Partido liderado por Marchais.

Talvez tudo isto possa parecer confuso, para quem perceba um pouco de política, mas é assim que penso... Até por que estou pouco esclarecido politicamente...

— Você nunca participaria, pelos vistos, numa festa de apoio ao actual Presidente da República, general Ramalho Eanes...

P.C. — Agora, claro que nunca o faria. Dos candidatos para as derradeiras eleições presidenciais só colaboraria numa festa a favor da campanha de Otelo Saraiva de Carvalho...

GDUPS, MES e UDP

— Bem, então você estará, provavelmente, mais próximo dos GDUPS, ou seja, dentro dum linha equivalente ao MES, à UDP...

P.C. — Efectivamente, as minhas actuais ideias colocam-me, em muitos pontos, a esquerda do próprio PCP. Não affecto ao MES, uma vez que não tenho suficiente cultura para tal. Em relação à UDP, talvez... Porém, não gosto de me filiar, pois desapareceria a liberdade de criticar a actuação do Partido...

Gostaria, em resumo, que a esquerda estivesse unida em Portugal...

mente, que o seu trânsito é pouco menos que caótico, que a construção clandestina, as barracas e casas abarracadas têm de ser encaradas de frente e solucionadas através de um plano que, em alguns anos, possa resolver esse problema.

Também as modificações recentes introduzidas no actual Código de Estrada, pretensamente a favor do peão, virão trazer novos problemas ao trânsito lisboeta, uma das tarefas prioritárias, a par da carência de habitações em número e qualidade suficiente.

As zonas verdes e os parques deverão ser utilizados cada vez mais frequentemente pelos municípios e, por exemplo, o Parque Eduardo VII não poderá continuar a ser uma zona de marginais, onde as pessoas ordeiras e pacatas têm, legitimamente, receio de passar.

Diligenciaremos, igualmente, no sentido de que o abastecimento em géneros alimentares, em água e em luz, não sofram alterações e interrupções que tornam, como é consabido, a vida em Lisboa num crescente pesadelo.



— No leque partidário, onde começaria a esquerda para si?

P.C. — Para mim, talvez a partir da facção esquerdista do Partido Socialista...

— Portanto, você está, finalmente, com a consciência tranquila...

P.C. — Toda a gente tem direito a errar. No meu caso, não renego nada daquilo que fiz, se é que se podem considerar erros os actos que pratiquei...

Quando dizia que Balsemão e Sá Carneiro eram dum ala moderada e liberal, não estava politicamente informado. A opção da maioria dos portugueses só foi possível depois do 25 de Abril...

— Você, antes desta data, nunca esteve ligado à eleição das «misses»?

P.C. — Bastava ter dois dedos de testa para não concordar com uma coisa daquelas...

«Canção política»

— Bem, mudemos de assunto. Depois de termos ouvido o seu último LP, com o título «MPC», não notámos qualquer evolução política no repertório, desde a altura em que você gravou «Flor Sem Tempo». Sendo um homem de esquerda, ainda para lá do PCP, por que razão não reflecte as ideias nas letras que canta? Ou quererá você agradar «a gregos e troianos»?

P.C. — Não deve conhecer o «Fado das Caixas»...

— Já o ouvimos inúmeras vezes. Não achámos nada de especial no aspecto de «canção política». Recordamos-lhe a tão discutida «Tourada», interpretada por Fernando Tordo algum tempo antes do 25 de Abril, cuja letra era bem mais «de esquerda» do que as suas últimas gravações...

P.C. — Acontece que não sou um intérprete panfletário. Não faço a minha música para agradar a X ou a Y. De facto, as letras não acompanharam a minha evolução política. Porém, não quero pôr a canção ao serviço deste ou daquele Partido, mas sempre em prol da política...

— Achamos tudo vago, muito indeciso. Não conseguimos compreender muitas das suas palavras, pois aquilo que você acaba por fazer em nada é compatível com o que você diz. Porém o problema é seu. Mas vamos lá continuar a falar de música. Antes do 25 de Abril, você foi intérprete de muitas composições cujo autor era José Calvário. Pensamos que desde então você nunca mais cantou nada dele. Será devido ao facto de, segundo se diz, ele estar muito próximo da esfera política do CDS?

P.C. — Já não vejo o Zé há muito tempo. Penso que poderíamos continuar a trabalhar em termos musicais, mas nunca no aspecto de texto. Nada tenho contra o facto de estarmos politicamente em desacordo. Continuo a ser seu amigo. Porém, se voltássemos a gravar, teria de ser ele a fazer concessões no que diz respeito à letra das eventuais composições... Compreende-me a razão...

— Nós não conseguimos! Você, sendo amigo do Zé Calvário, também deveria fazer concessões...

A Democracia...

P.C. — Continuo na minha... Dou-me com gente de diversas ideologias políticas. Isto é que é Democracia.

— Talvez nos possa dar um exemplo de um País em que haja verdadeira Democracia...

P.C. — Talvez a Inglaterra, onde cada um tem o direito de dizer aquilo que pensa. Quanto a mim, a Democracia tem muito que ver com a educação das pessoas.

Não sou, de modo algum, radical. Gostaria que em Portugal as pessoas se unissem, de modo a permitirem uma sociedade verdadeiramente socialista e democrática, por meio de uma via de esquerda.

A entrevista terminou. Porém, os argumentos incoerentes e inconsistentes apontados por Paulo de Carvalho não poderão deixar de ser referidos. Por diversas vezes, no decorrer da nossa conversa, fizemos-lhe ver que as suas «teses» pecavam por desconexas e mesmo por falta de sentido. Mas, lá nos dizia o nosso entrevistado... «Talvez tudo isto possa parecer confuso para quem perceba um pouco de política, mas é assim que penso...» Com base nesta sua afirmação, que comentários nos restarão?

Queríamos elucidar os nossos leitores acerca da personalidade do tão discutido cantor. Fizemos todos os possíveis para que Paulo de Carvalho se pudesse defender de alguns ataques de que tem sido vítima por posições recentemente tomadas. Restará saber se as dúvidas existentes se terão dissipado por completo... Para nós, aumentaram...

Manuel Gil Fernandes

Martins Canaverde

(continuação da pag. 13)

Somos favoráveis à afixação de competência e atribuições dos vereadores, de modo que estes sejam independentes perante o Governo, com possibilidade de realizarem, em favor dos municípios, as utilidades sociais, que são a sua razão fundamental de existir.

Toda a gente sabe e sente que Lisboa está suja, desnecessaria-

MOLAFLEX

equipa

Hotel Penta LISBOA



HOTEL PENTA PENSOU NA SEGURANÇA DOS SEUS HÓSPEDES!

A Molaflex orgulha-se de comunicar aos seus Clientes, que após rigorosa apreciação qualitativa incluindo análises aos materiais, executadas nos laboratórios da TAP, foi dada preferência à Molaflex, para equipar o novo Hotel PENTA, em Lisboa, com colchões de molas.

Em resultado dessas análises foi seleccionado o colchão da Molaflex tipo KNARD.

knard

não inflamável • auto-extinguível • resistente à chama
e também ortopédico como todos os colchões da Molaflex

SENSACIONAL!

APENAS

... e completará a sua colecção com estes

5 números de crotchet ideal

Remeta 50\$00 à LOJA DOS FIGURINOS
Rua Augusta, 185 — LISBOA e receberá na volta do correio.

50\$00

